Ano 25.º — Sábado, 20 de Agosto de 1932 — N.º 1239

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguêsa

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitania
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Films...

TRANSMITEM de Berlim que o govêrno está resolvido a restabelecer a moralidade de costumes na Alemanha, obrigando os nudistas a deixar o território para procurar noutra parte hospitalidade mais tolerante. Além disso será proibida a eleição de rainhas de belêsa; as escolas naturalistas serão encerradas e, enfim, para impedir que a reputação das estações balneares incorra, da parte dos estranjeiros, a censura da imoralidade, a população não terá mais direito a passear em fato de banho além dum curto limite bastante próximo das praias. Isto pela necessidade de combater o *vergonhoso aviltamento da honra e da dignidade femininas*.

O que por lá vái, santo Deus! E trata-se dum país civilisado! Que faria se o não fôsse...

—

CONTA um jornal que, há dias, dois jumentos, pelos modos, desavindos, tiveram artes de soltar-se das cordas que os separavam, ás quais estavam presos pelo dono, um velho de 70 anos, e lançaram-se um contra o outro ao coice e á dentada. No meio da refrega, o septuagenário, aparecendo, viu o caso mal parado e decidiu intervir. Fê-lo, porém, na pior das ocasiões, visto que os jumentos, não lhe respeitando as cans, também não lhe respeitaram o corpo.

Deixaram-no como um perfeito Lázaro — todo mordido.

Ninguém o mandou meter-se na questão...

D. Leopoldina Belo

—o—

A bórdo do *Holbein*, que saíu de Lisboa na quarta-feira, deixou o nosso país a *rainha* da colónia lusitana no Brasil, a quem os nossos compatriotas esperam para lhes contar novas da Pátria amada.

Feliz viagem.

Asilo-Escola

—x—

Fôram êste ano passar a estação calmosa para Espinho os internados das duas secções do Asilo-Escola Distrital, aos quais a Emprêsa Espinho-Praia concedeu facilidades dignas de encómio.

Por tal motivo a banda tem ali dado concertos ás quintas-feiras e domingos, sendo ouvida com agrado.

Os desempregados

—o—

Segundo um jornal alemão, os desempregados dêste país, que se contam por milhões, passam a vida, uns a lêr, pelo que as bibliotécas se encontram sempre cheias; outros a banhar-se nas margens dos lagos e pequenos rios e ainda os há que se entretêm a fumar cigarros baratos, como sendo a única forma de suportar melhor a fóme e dar-lhes algum prazer.

Mas que prazer poderão sentir aquêles a quem a adversidade persegue?

Negociantes de sal

—o—

Em virtude da concorrência que lhes é feita no sul do país, os nossos negociantes de sal e proprietários de marinhas reüniram há dias para trocarem impressões sôbre o assunto, tendo, por fim, resolvido dirigirem-se á Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro a solicitar-lhe uma diminuição de tarifas que permita tornar o produto mais barato.

Até á data não sabemos nada sôbre a resolução da Companhia.

Major Gaspar Ferreira

—o—

Foi nomeado governador civil dêste distrito, cargo de que toma pósse àmanhã pelas 14 horas, o nosso velho amigo major Gaspar Inácio Ferreira, que estava desempenhando as funções de chefe de gabinête do titular da pasta do Interior e gosa entre nós, particularmente, mas também em muitos concelhos, de certo prestígio.

Oficial dos mais distintos do nosso Exército, inteligência lúcida e dedicado á Ditadura desde o movimento de 28 de Maio, em que colaborou, o major Gaspar Ferreira reüne todas os requisitos para fazer um bom lugar com proveito para o seu nome, para a República e para a circunscrição que vem chefiar.

E' isso e só isso o que nós desejamos, aguardando o acto da posse, que deve revestir um alto significado político, para, a seguir, dizer o resto, embora antecipadamente lhe manifestêmos, pelas razões apontadas, toda a nossa simpatía, cumprimentando-o.

* * *

Espera-se que, entre muitas outras pessoas de representação, venha assistir á posse do novo governador do distrito o sr. ministro do Interior, tornando-se assim o acto mais solene.

Mentira

—

Diz a *Montanha* que nós chamámos aos democratas de Aveiro *seita demagogica*.

Mentira.

Democrata e *democratico* não é uma e a mesma coisa. E dos ultimos é que nós quizemos seleccionar para não haver confusões.

Stadium — Cinêma Sonoro

—o—

Depois de forçada interrupção, recomeçaram as sessões ao ar livre no Stadium de S. Domingos com alguma concorrência.

O peor é que, em Aveiro, nem todas as noites se prestam ao arejo...

Por humidas, frias e ventosas de mais.

Efemérides

20 de Agôsto

1789—Decreta-se a liberdade de imprensa em França.

1891 — E' suprimido, em Lisboa, o jornal *A Revolução de Janeiro*.

1907 — Realisam-se na Itália grandes manifestações anti-religiosas.

1909 — O dr. Magalhães Lima, director da *Vanguarda*, é muito cumprimentado na séde do jornal, por na véspera ter sido condenado no tribunal da Boa-Hora, por suposto delito de imprensa, a 50$000 reis de multa, custas e sêlos do processo.

O Democrata *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.*

O Estado Novo e o direito á grève

Um artigo elucidativo

Do órgão oficioso do Govêrno:

A Ditadura, mesmo no seu actual estado pre-constitucional, não reconhece o direito á grève. Os seus adversários, confundindo voluntàriamente alhos com bugalhos, tiram daí a conclusão imediata de que a Ditadura *força* o operário a trabalhar, obriga-o a trabalhar contra a sua vontade.

Mentira!

Onde o Estado força o operário a trabalhar, sob pena de lhe tirar o pão e a casa, é na Rússia, na fsliz vigência da chamada Ditadura do Proletariado. Em Portugal, trabalha quem quere trabalhar, não trabalha quem não quere; o Estado limita-se apenas a não reconhecer o direito á grève, que pelas gràves conseqüências que êsse direito traz, tanto para os próprios trabalhadores como para as emprêsas, e tanto para as emprêsas e para os trabalhadores como para a economía em geral.

Não reconhecer o direito à grève, não é amarrar o operário com uma corrente ao banco da sua oficina: é, simplesmente, não reconhecer o direito, tanto aos operários como aos patrões, de suspenderem a sua actividade, prejudicando a economía nacional, por uma divergência entre os seus interêsses, particulares. E dentro desta orientação, o projecto de Constituïção do Estado Novo estatue:

Art.º 40.º — *Todos os litigios que se refiram ás relações colectivas do trabalho são da competência de tribunais especiais, organizados como juizos de arbitragem.*

Art.º 41.º — *Nas relações económicas entre o capital e o trabalho, não é permitida a suspensão de actividade por qualquer das partes, com o fim de fazer vingar os respectivos interesses.*

Da leitura dêstes dois artigos do projecto de Constitüição do Estado Novo conclue se imediatamente: 1.º) que não são proïbidos os litígios nas relações entre o capital e o trabalho, porque isso seria um absurdo igual ao que consistisse em proïbir a água das chuvas de se escoar para a terra; sujeitam-se apenas êsses litígios á competência de tribunais arbitrais, para que a ordem social não seja alterada; e 2.º) que a lei é igual para todos e que, por consequência, se não é reconhecido aos operários o direito de abandonarem colectivamente o trabalho, também não é reconhecido aos patrões o direito de encerrarem as portas das suas fàbricas e oficinas por simples desavenças com os seus operários. Nem greve, nem *lock-out*.

A actividade económica duma sociedade transcende os interesses dos que nela se ocupam, operários e patrões, porque interessa a toda a colectividade. E se dentro duma empresa dada a conflitos constantes entre os operários e patrões só podem trazer prejuísos para essa mesma empresa e para os seus empregados e operários, como não haveria de ser prejudicial para os interesses da comunidade, para a actividade económica e social do país, que as suas indústrias estivessem em regimen permanente de conflito, que estivessem constantemente a paralisar a sua actividade por os patrões não se entenderem com os operários e os operários com os patrões.

O direito á grève, bem o sabemos é uma conseqüência do direito oposto, reconhecido aos patrões, de fecharem as suas portas de cada vez que não estejam de acordo com as exigências dos seus operários. Esse direito é, em ultima análise, uma das nefastas conseqüências do principio errado da luta de classes, da oposição necessária e fatal dos interesses dos operários aos interesses dos patrões, inventada pela teoria marxista. Em ultima análise, o direito á grève tem constitüido até hoje a unica maneira, para os operários, de resistirem á força patronal, quando esta se excede; mas tem sido igualmente um instrumento de primeira ordem nas mãos dos agitadores profissionais, que se servem dos interesses dos operários para garantia e serviço dos seus interesses próprios.

A luta de classes acabou. A economia nacional é o fruto duma cooperação leal e humana de fôrças nacionais: o capital e o trabalho. *O Estado Novo é tanto contra o bolchevismo de cima para baixo como contra o bolchevismo de baixo para cima*, não tolerando, por conseqüência, nem a

As nossas saüdações

Chega àmanhã pelas 9 horas a Aveiro um comboio especial, procedente de Lisboa, que conduz a excursão promovida pelo Grémio Excursionista Civil do Monte, instituïção liberal e de livre pensamento, fundada em 25 de setembro de 1898. Na mesma locomotiva virá o Grupo de Beneficência 19 de Junho, que se propõe distribuir pelos pobres da cidade um importante donativo, e ainda alguns representantes da Associação do Registo Civil.

O Democrata, *não lhe sendo indiferente os ideais que unem os sócios das três agremiações que nos visitam, saúda-os, a todos desejando que, ao retirarem, levem da pátria de José Estêvão, cuja memória é sempre invocada pelos espiritos desanuviados de preconceitos, as melhores, mais gratas e inolvidáveis recordações.*

Reabertura dum canal

—o—

Depois de reconstituidos os cais e profundado devidamente o seu leito, foi de novo aberto á navegação o canal da ria que parte da ponte da Dobadoura e segue até encontrar o braço que vai ter á Vista-Alegre.

Agora sim: ficou obra limpa, asseada e da máxima utilidade para os moradores próximos, por a Junta Autónoma ter atendido a sua justa e bem fundamentada representação.

Obra excelente, perante a qual, sem reservas, nos regosijâmos.

Não aderiu

—o—

A propósito de adesões á República depois da sua implantação em Portugal, escreve o *cabeça da raça*:

> **Nós, republicano, *velho republicano*, não aderimos. E assim ficámos até hoje.**

Não aderiu, mas comeu e ainda come, a-pezar-de se dizer *absolutamente intransigente* com os republicanos do 5 de Outubro a quem se fartou de enxovalhar.

Pois não foi êle professor duma Universidade sem curso nem concurso?

E quem lhe deu o lugar? Quem o nomeou nessas condições? Não teriam sido os *tais republicanos* da sua particular embirração?

Fôram. Fôram. Fôram.

Cometeram essa indignidade. Mais: cometeram uma imoralidade sem nome! Imoralidade que deu êste resultado: estar o *cabeça da raça* a receber chorudo ordenado da República, *á qual nunca aderiu*!

E fala dos outros!

E critica dos outros!

E atira pedras ao telhado dos outros!

Já lá viram descaramento maior?

NOBRE ATITUDE

—:—

Após a publicação da entrevista do sr. dr. António Osório, parte da qual publicámos no numero anterior, o sr. Joaquim Leitão, vice-secretário da Academia das Ciências de Lisboa, fez inserir num diário da capital a seguinte carta dirigida, em 16 de julho findo, ao sr. João de Azevedo Coutinho:

Em Maio de 1918 retirei-me a um digno recolhimento. Embora arredado de toda a actividade, fôsse ela qual fôsse, estes catorze anos, esquecido decerto, eu é que não esqueço o que devo a mim mesmo e a V. Ex.ª, por quem é pessoalmente e pelo alto lugar que ocupa.

A V. Ex.ª, pois, dirijo estas brèves linhas que desde já peço licença para tornar públicas.

A Causa Monárquica, a despeito de todas as vicissitudes históricas, era uma abóboda românica, alumiada por uma lâmpada em que ardia uma afirmação — a pessoa do sr. D. Manuel.

O sôpro da morte apagou a lâmpada.

Os meus laços partidários descem ao tùmulo com o corpo do sr. D. Manuel.

Antes de a Causa Monárquica reconhecer qualquer pretendente e para que se não julgue que a minha resolução é menos simpatia ou menos acatamento por quem quer que seja jurado nos escudos, me despeço de todos na pessoa de V. Ex.ª não sem comovidamente confirmar a consideração e admiração por V. Ex.ª, que o Parlamento português reconheceu e votou benemérito da Pàtria, e que todos nós continuâmos a olhar como sobrevivência gloriosa dos grandes soldados e dos grandes marinheiros.

Com indeclinável estima me subscrevo

De V. Ex.ª, etc.,

a) JOAQUIM LEITÃO

DESMASCARADO

O sr. Ribeiro de Carvalho, director do jornal de Lisboa, *República*, que, em tempo, foi dos mais assanhados inimigos do partido democrático, fez um dia, á sua custa, uma festa religiosa, na Maceira, tendo sido, por êsse facto, proclamado, do alto do púlpito, *mordomo perpétuo da Senhora da Barroquinha*. Ora o *mordomo perpétuo da Senhora da Barroquinha* — descobriu-se agora — recebe mensalmente da Companhia Industrial Portugal e Colónias, um subsidio de **dois mil escudos**, não se sabe bem a que título, embora êle não seja muito dificil de descortinar...

O facto, como é natural, provocou um grande — ah! — de admiração, pois sendo o referido senhor e o seu jornal dois estrenuos defensores das classes operárias e outras vitimas da plutocracia reaccionária e jesuítica, o dinheiro de semelhante orígem devia escaldar-lhe as mãos. Mas qual! O *mordomo perpetuo da Senhora da Barroquinha* vai recebendo, com o maior descaramento, daqueles que são apontados como exploradores do povo por êle defendido, os **dois mil escudos**— dois contos! — que não é barro, e tudo o mais são cantigas...

Logo no seu escreve artigos de escacha com o titulo — *Pão, pão, queijo, queijo*.

Logo se vê que anda bem mantido...

Dr. José Rodrigues

Os jornais de Coimbra dedicaram sentidas palavras á memória do saudoso médico, que, fez no dia 18 quatro anos, faleceu naquela cidade, abençoado pelos pobres a quem socorria com a maior abnegação e desinteresse.

O Democrata, que contava o dr. José Rodrigues de Oliveira no numero dos seus bons amigos, associa-se á homenagem e curva-se deante do coval que encerra os seus restos mortais.

Pressentimentos

ELA — *Tenho palpite de que nos estão a assaltar a casa.*

ELE — *Não faz mal. Trouxe todo o dinheiro na carteira.*

IMPRENSA

«A FOLHA DE TRANCOSO»

Atingiu 43 anos de publicação êste semanário regionalista, que é dirido por Henrique Faria Bravo com toda a proficiência.

Felicitâmos o estimado colega.

Desastre

—

Um automovel que descia a Avenida Central apanhou terça-feira um ciclista, que caiu da maquina, ferindo-se na cabeça.

Não haverá maneira de evitar a repetição dêstes casos que tão funestas conseqüências podem trazer?

Talvez um sinaleiro...

Ou mesmo coisa parecida...

exploração do operariado sôbre o patronato, nem a do patronato sôbre o operariado. Cooperação, solidariedade social é o que é preciso. E a cooperação e solidariedade social excluem o direito á grève e ao *lock-out*, que são duas formas de anarquia social e nacional.

Muito bem. Absolutamente de acôrdo. E', para todos os efeitos, a sã doutrina.

Banda José Estêvão

—x—

Obteve mais um triunfo em Bayona de Galisa (Espanha) onde, como dissemos, fôra tomar parte nas festas da Anunciada, a música da nossa terra.

Á passagem pela Povoa do Varzim, Viana do Castelo, a cidade amiga, e Caminha, cumprimentou, tocando, as respectivas populações, o mesmo acontecendo em Vigo e La Guardia, onde não foram esquecidas as autoridades locais.

Os concertos em Bayona atrairam enorme multidão, tendo as aclamações á Banda José Estêvão, segundo o relato dos jornais, atingido, por vezes, o delírio. Além disso todos os executantes foram cumulados de atenções, porfiando os espanhois em distinguí-los com as mais evidentes provas de simpatia e afecto.

Antonio Lé, em extremo sensibilisado, fez quanto poude para mostrar a sua gratidão ao generoso povo do país visinho, não só pelo apreço que, particularmente, lhe testemunhou, mas também pela forma cativante como a Banda, de que é hábil regente, fôra recebida e tratada.

Em Viana do Castelo, o nosso conterraneo Orlando Peixinho, ali pagador das Obras Publicas, e Mario Duarte (filho) vice-consul de Portugal em La Guardia, outro ilustre aveirense, foram igualmente duma cativante gentileza para os componentes do magnifico conjunto musical, que por êsse motivo, se mostram penhorados, jàmais esquecendo a sua amavel companhia longe da terra onde se encontravam.

De Bayona foi transmitido, segunda-feira, para esta cidade, o seguinte telegrama da Comissão das festas:

Bayona, 15 ás 17,40

Ex.º Presidente da Camara Municipal

Aveiro

Ao sair a Banda de José Estêvão felicitamos efusivamente V. Ex.ª pelo assombroso exito obtido.

Á Banda José Estêvão as nossas felicitações, além do mais, por ter ido fóra da terra e num país estranjeiro, honrado o nome de Aveiro.

GARAGE AVENIDA

—o—

Dos grandes estabelecimentos que Aveiro já hoje possúi, a *Garage Avenida* é, incontestàvelmente, o primeiro a alinhar entre os primeiros. Artur Trindade, seu proprietário, fez uma obra importante e de valor. Importante, porque contribuiu para o engrandecimento da Avenida Central onde se ergue, aformoseando-a; de valor, por ser um estabelecimento tão completo que dentro dêle encontram os automobilistas tudo quanto necessitarem. Assim, á amplitude da garage, com serviço permanente para recôlha e cuidado diário de automóveis e camionetes, junta-se um compressor e lavador eléctrico, um auto-elevador hidráulico giratório; o mais perfeito lubrificador até hoje conhecido, e uma oficina para reparações, que não póde haver melhor nem mais completa. Anexo existe o depósito de motocicletas e bicicletas, de pneus, oleos e gazolina, e de todos os acessórios indispensáveis á moderna viação, com largas montras a dar aos dois amplos edifícios, como talvez outros não haja em Portugal, um aspecto de invulgar grandêsa, do mais autêntico modernismo em tudo.

O Democrata, ao registar o arrôjo da iniciativa de Artur Trindade, a quem deseja condigna compensação, não póde deixar de se congratular por vêr a principal artéria da cidade dotada com mais dois edifícios que se salientam pela sua imponência e destacam pelo ramo de comércio a que são destinados.

Êste número foi visado pela Censura

Outra vez

=o=

Voltou de novo á tela da discussão na imprensa, provocada pelo aparecimento dum livro sôbre política, o facto da adesão do sr. Conde de Agueda á República após a proclamação desta e em circunstâncias que, na altura, determinaram comentários mais ou menos vivos, ficando o caso arrumado.

Está claro que não temos nada, nem queremos ter, com aquilo que aí se está a repetir, certamente á falta de melhor assunto. Não nos interessa isso. Mas o que nos interessa e que não podemos deixar passar sem a pôrmos em destaque, é a atitude do *cabeça da raça*, atirando-se ao conde quando se não fôra êle com os votos dos seus amigos nunca teria sido eleito deputado por Aveiro para receber o subsídio em casa e gosar o passe do caminho de ferro.

Mas o *cabeça da raça* é assim; foi sempre assim e assim há-de morrer.

Enquanto o conde lhe serviu de escada, o conde era tudo — pessoal e politicamente. Não havia outro homem no distrito. Não conhecia outra influência que se lhe equiparasse. Não admitia que o desgostassem ou dissessem mal dêle. O conde, porém, um dia, farto de o aturar, decerto aborrecido com as suas exigências em paga dos elogios, retirou-lhe a protecção, deixando caír o *cabeça* por falta de escóras. Começou, então, nessa altura, a sentir-lhe as ferraduras... E nós a vêr, cada vez melhor, e a avaliar, o estôfo do amigo e aliado da véspera, pelo que nada nos admira que agora diga com toda a desfaçatez:

. . . .

Você teve sempre a pretensão balôfa de passar por um *hábil politico*, quando você não tem dado provas toda a sua vida senão duma *rematada inabilidade*. Você pretendeu sempre encobrir a sua inepcia com *reclamos, aparatos, ostentações de forças*,

. . . .

Façam-se aquelas eleições livres que o sr. presidente Carmona prometeu solenemente, e você é batido *em toda a linha*.

Ora ainda não há muito, a mesma pena, que traçou aquelas linhas, escrevia textualmente:

. . . .

O sr. Conde de Agueda foi vitima, não dum atropêlo, não dunma ilegalidade, mas dum *roubo infame*. Por isso mesmo que é monarquico, por isso mesmo os representantes da república, se não fossem, álem de pulhas *burros*, deviam primeiro que lhe manter e respeitar os seus direitos. Mas está provado que neste país só há atmosfera para sapos e reptis. Os homens, aqui não podem viver.

Expulsaram do Senado o sr. Conde de Agueda. **Mas o que não conseguiram foi ofuscar a sua enorme influência.** A circunstância do sr. Conde de Agueda manter após dez anos de república, a sua velha influência no distrito de Aveiro, é o seu maior elogio e a maior condenação dos homens da república. Porque a verdade, verdade incontestável, por mais triste que seja para os republicanos, é que em *eleições livres*, **ninguem é capaz de bater o sr. Conde de Agueda no distrito.** E outra verdade diremos, e bem a ser que o sr. Conde de Agueda só foi expulso do Senado, não por ser monárquico, mas por não ter querido manter. contra os regionalistas, um acordo com o governo. **Com o seu amor, nunca desmentido, e por todos reconhecido, e de aí lhe vem uma boa parte da sua grande influência, a esta região, o sr. Conde de Agueda,** *não quiz* **que se dissesse que combatia os altos interesses de Aveiro e do circulo guerreando os regionalistas. Preferiu, com uma nobrêsa acima de todo o elogio,** pôr em risco a eleição do candidato monarquico a deputado e a sua própria candidatura. Que, de resto, e sem censura para ninguem, nem com todos os atropelos, violencias e infamias a eleição se perdia **se fôsse êle que a dirigisse.** Com a sua longa prática e **a sua inteligência** saberia ter evitado, se fosse êle que dirigisse as eleições, *muita falcatrua*.

Que isso sirva, e tudo o mais, de ensinamento para todos no futuro.

Mas não foi só isto. Além doutros, que a falta de tempo nos inibe de ir buscar ao arquivo, mais êste bocadinho de ouro:

Talvez tenhâmos já sido injusto com êle ou excessivo nalgumas ocasiões. No fundo **nunca deixamos de reconhcer os seus serviços nem de prestar homenagem ás suas qualidades.** Nem de ser seu amigo. **Quási todas estas terras do distrito devem ao sr. Conde de Agueda serviços assinalados. Temos sincero prazer em o confessar.**

Lêram! Pois então comparem e digam-nos se êste *grande panfletário* não está há muito a pedir poema do nosso...*vice-Camões*.

Secção desportiva

Atlètismo

Desloca-se ámanhã a Anadia a *équipe* de atlètismo do *Internacional A. Club* que irá representar a nossa terra no *I Aveiro-Anadia*.

O conjunto do *Internacional* vai defrontar-se com a *équipe* do centro da Bairrada onde há elementos de valor e que ainda no passado domingo no *I Anadia-Gala* conseguiu sair vitoriosa pelo explendido resultado de 74 pontos contra 41. Por esta diferença de pontos pode facilmente deduzir-se quão espinhosa vai ser a tarefa do elenco aveirense.

No entanto estamos convencidos de que os rapazes do *I. A. C.* hão-de saber honrar as suas côres, lutando até final com a lealdade e correcção que os tem caracterisado nos torneios a que tem concorrido.

E agora, para rematar, um alvitre: não seria interessante tentar a realisação do *I Porto-Aveiro* dado o valor dos elementos das duas terras — Aveiro e Anadia — seleccionando uma *équipe*?

Crime gràve

=o=

Foi enviado ao poder judicial por ter atentado contra o pudor de duas crianças de 6 e 8 anos, respectivamente, um indivíduo de S. Bernardo que nos dizem chamar-se José Valente.

Política alemã

—o—

A pena de morte para os delitos políticos

O presidente Hindenburgo fez publicar recentemente um decreto àcêrca do agravamento das penas aplicáveis aos autores de actos de terrorismo, introduzindo a pena de morte para os casos mais gràves. Assim, no futuro, álém dos criminosos por delito comum, fica igualmente sujeito á pena de morte todo aquêle que, sem premeditação, por domínio da paixão política, por ódio ou por vingança, cometer atentado mortal na pessoa dum adversário político, ou matar agente de polícia ou membro da *Keichswehr*. A mesma pena é aplicável aos autores de delitos incendiários ou de crime que provoque morte de homem. Os ferimentos gràves causados por arma de fôgo ou por vias de facto contra os agentes da fôrça pública darão motivo a penas de reclusão não inferiores a 10 anos. Os autores de quaisquer ferimentos corporais, causados por motivos políticos, devem ser punidos com reclusão.

Para dar maior pêso a estas providências do Govêrno instituír-se-hão tribunais de excepção, que funcionarão ràpidamente e das suas sentenças, que terão execução imediata, não haverá apêlo.

O decreto abrange também a Imprensa, que nos últimos tempos se entregou, em parte, a uma campanha de excitação e á qual as autoridades alemãs vão pôr imediato côbro.

Que dirão a esta belêsa os que se julgam sufocados com a falta de liberdade em Portugal?

Necrologia

No bairro do Alboi deixou de existir na terça-feira, com 60 anos de idade, o sr. Alfredo de Sousa Maia, carpinteiro. Era casado e vitimou-o a tuberculose.

* * *

Em avançada idade igualmente se finou ante-ontem a sr. D. Augusta Alda de Magalhães Mesquita Noronha, cujo enterro se efectuou ontem para o cemitério central.

Era a única sobrevimente duma respeitável família assaz considerada nesta cidade.

"Grupo Venêsa de Portugal,,

Tem êste nome um grupo excursionista da nossa terra, fundado há um ano que já no próximo mez de setembro se propõe realisar o primeiro passeio, dirigindo-se a terras do sul.

E' constituido, na sua maioria, por gente nova.

Exames

Concluiu o 4.º ano de medicina na Universidade de Coimbra, com altas classificações, a inteligente aveirense sr.ª D. Jovita Sousa Maia de Carvalho e fêz o 5.º ano dos liceus, terminando assim o curso geral, o aplicado académico Rui Pedro de Carvalho, ambos filhos do nosso particular amigo, sr. capitão António Pedro de Carvalho, da Guarda N. Republicana.

Felicitâmos os dois distintos alunos assim como seus extremosos pais.

A Liga dos Direitos do Homem

O que àcêrca dela, dos seus fins e dos seus objectivos, pensa o presidente Gomes de Carvalho

A Liga dos Direitos do Homem é uma instituição a que já temos visto fazer referências pouco agradáveis na imprensa, referências por tanto injustas e que nada se coadunam com o altruísmo que a ela anda ligado por parte dos seus componentes. Por isso ao lêr num jornal de Lisbôa a entrevista que lhe concedeu o sr. Gomes de Carvalho, velho republicano a quem a Liga deve serviços constantes e sem conta, julgâmos do nosso dever, visto nas colunas do *Democrata* terem aparecido algumas vezes notícias a seu respeito, reproduzi-la para que os nossos leitores conheçam dos seus fins, dos seus objectivos.

—Por quem foi fundada a Liga?—interroga o jornalista.

—A Liga foi fundada pelo alto espirito de Magalhães Lima, à semelhança da sua congénere de Paris, e tem como objectivo defender os principios de Liberdade e de Justiça proclamados em 1789 e 1793, e ampliados com os principios de pacifismo.

—Magalhães Lima nem sempre esteve á frente da direcção da Liga?

—Motivos que não devo invocar nêste momento, aliados á falta de saúde, levaram o saúdoso democrata a interromper os trabalhos a que estava dando nome e brilho. Mas, a-pesar disso nunca o seu magnanimo coração deixou esquecer a Liga, e, por vezes, naquele santuário onde viveu, na rua do Mundo, já prostado no leito, mas ainda em pleno vigor o seu formoso espirito, o sonhador impenitente, o idealista **de sempre**, entusiasmava-se falando da Liga, sem deixar nunca de manifestar o desejo de a ver florescente, a prestar auxílio aos que necessitarem de justiça. Depois de uma pequena pausa o sr. Gomes de Carvalho continuou:

—Parece que ainda estou a ouvir Magalhães Lima dizer-me:—Gomes de Carvalho: faça reviver essa Liga! Conte para isso com os meus e seus bons amigos. Só você com a sua persistência é capaz de lhe dar vida».

—Disse-lhe que sim, já se vê?

—Não, mas prometi-lhe que tudo tentaria fazer para que essa grandiosa obra de altruismo se não perdesse. E a prova de que tenho procurado por todos os meios cumprir a promessa—é esta nossa conversa.

—Qual a corrente politica que predomina dentro da Liga?

—Nenhuma. A Liga é alheia a qualquer espécie de confissão filosófica ou política; recebe todos os homens de bôa vontade, desde que êles venham dispostos a trabalhar no intuito de fazer triunfar os princípios de Liberdade e de Justiça. O nosso único culto é promover medidas que tendam a aliviar os oprimidos, e desagravar vitimas de justiça. Nada do que é humano pode ser indiferente á Liga dos Direitos do Homem. Um único fim temos: fazer o bem sem esperança nem desejo de recompensa, visto que os componentes da Liga se dão por pagos quando a consciência lhes diz que cumpriram o seu dever social.

—Da Liga dos Direitos do Homem fazem parte cidadãos de todos os matizes políticos?

—Sim, senhor. Temos cidadãos de os partidos políticos e crenças religiosas, sem que dependamos de qualquer agrupamento.

—Não há qualquer partido político que tenha certa prepoderância na Liga?

—Nenhum partido pode ter qualquer preponderância nesta assembleia de consciências que estreitamente se unem para defesa dos oprimidos. A nossa acção estende se tambem aos velhos, ás criança, aos orfãos e a todos que se encontrem em situações dificeis e reclâmem o nosso auxílio. Hoje há ainda quem morra de fome...

—Qual o assunto mais importante que têm em curso?

—Trabalhamos nêste momento para estabelecer a justiça social. Respeitando, delicadamente todos os modos de pensar, e por isso só temos um alvo, só temos um fim, só nos preocupa uma intenção:—sermos úteis á colectividade, fazer o homem cada vez mais humano. E nêste campo se tem desenvolvido a nossa actividade, levando donativos e confôrto, em épocas que mais fazem recordar o fundador da Liga, a pobres moradores das várias freguesias e a doentes necessitádos dos hospitais, para que todos bem digam a sua saudosa memória e recordem o que êle nunca esqueceu: «Que o primeiro direito do homem é pertencer a si próprio, e não ser, apenas, um instrumento nas mãos de quem lhe dá trabalho».

O nosso amável interlocultor faz em seguida a evocação de Magalhães Lima.

—Se por ventura é permitido chamar *santo laico* a alguém, Magalhães Lima está bem dentro desta classificação, porque poucos como êle reuniram todas estas virtudes: bondade, simplicidade, probidade e tolerância, aliadas a uma sã moral.

—E, assim...

—Seguindo o exemplo que lhes legou, os dirigentes da L. P. D. H., procuram os meios de tornar a sociedade mais equitativa, solidária e fraternal, ensinando os deveres do individuo para com a sociedade e os da sociedade para com o individuo.

—E' êsse o *envangélho* da Liga?

—O *envangélho* das Democracias modernas é constituido pela Declaração dos Direitos do Homem, *que se reduz a dois principios: A soberania da Nação e a liberdade individual* São êstes dois principios que a L. P. D. H. defende e constantemente procura pôr em foco, renovando-os.

E, continuando:

—A soberania nacional deve estar acima de qualqur das pretensas infalibilidades. Quer seja a da Igreja, quer seja a de outra seita ou casta. Quero eu dizer, que a Nação deve afirmar sempre o seu direito soberano, não se deixando conduzir pelo clericalismo. E' necessário que os povos sejam livres para serem livres as consciências.

E com veemência:

—Como propagandistas da soberania nacional republicana, somos igualmente fervoroso adepto de uma outra doutrina — a da liberdade individual. Mas não apenas a liberdade em palavras, mas a liberdade completa, a liberdade de viver, a liberdade de ser homem.

Por onde se conclue que a Liga Portuguêsa dos Direitos do Homem a ninguém faz sombra, antes pelo contrário.

A cota minima exigida aos sócios é de um escudo mensal, podendo, no entanto, ser aumentada segundo a vontade do subscritor, que também indicará o modo de se fazer a cobrança.

E eis tudo.

Uma carta

—

Eixo, 15-8 932.

...Sr. Director de O Democrata

Aveiro

No n.º 1237, do dia 6 do corrente, na correspondência de Eixo do jornal que V. tão superiormente dirige, veio uma noticia assinada por C. que me dizem ser o Ex.^{mo} *Sr João de Pinho Brandão, professor oficial nesta vila, a qual citava o meu nome como agressor do meu ex-empregado sr. Valentim Gômes, cantoneiro municipal, com uma violenta pedrada na cabeça!*

Desde já declaro que é falsa a noticia e desafio o Ex.^{mo} *correspondente a provar com testemunhas de boa fé o que tão levianamente afirma.*

Será para desejar que, de futuro, tenha mais cautela nas suas informações porque de contrário obrigar-me-há a fazer referencias pouco lisongeiras ao seu proceder como funcionário publico.

Desculpe-me V., senhor director de O Democrata, *o espaço que lhe ocupo com a publicação destas evitadas linhas e creia-me admirador e muito obrigado*

De V. etc.

Porfirio Luís Ferreira de Abreu

N. da R.—Alheios ao assunto a que se refere a correspondência e a carta do professor sr. Porfirio Luís Ferreira de Abreu, muito estimaremos que os nossos correspondentes evitem quanto possível êstes incidentes, colocando-nos e colocando-se fóra de contendas.

De necessidade

A Junta Autónoma traz o seu pessoal a proceder á caiação dos cais da nossa ria serviço que não se fazia desde 1928.

Era de necessidade.

Falta de água

Continua a fazer-se sentir nas cidades, vilas e aldeias, não havendo meio de remediar o mal. Só Deus nos pode salvar!—exclâma o *cabeça da raça*.

Estamos arranjados...

Visitai o Parque, que é hoje um dos pontos mais aprazíveis que Aveiro possúe dentro dos seus muros.

Aos assinantes de fóra do continente

Porque é dificil, além de dispendiosa, a cobrança por intermédio do correio fóra do país, vimos pedir aos nossos assinantes da Africa, Brasil e America do Norte o favor de mandarem directamente á Administração do jornal a importância das suas anuidades, finesa essa que antecipadamente agradecemos.

«O Democrata» que nunca esteve enfeudado a grupos ou partidos politicos, que por isso não tem outros recursos a não ser os provenientes das assinaturas e dos anuncios que publica, espera, ao fazer este apêlo, a maxima atenção por parte daqueles a quem é dirigido e de quem aguarda, confiante, a satisfação do seu pedido.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fez ante-ontem anos o sr. Francisco A. Duarte; hoje fá-los o sr. capitão João Abel Rebocho Vaz, de infantaria 19; ámanhã, o sr. Jeremias Vicente Ferreira, e o filho Carlos, do sr. Luis Vicente Ferreira; no dia 23, o sr. Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e em 26, a sr.ª D. Leonor Machado da Cruz, esposa do sr. dr. Manuel Rodrigues da Cruz, director do Hospital Militar de Coimbra; a gentil tricaninha Marilia Pinto e seu irmão Carlos Pinto.

Gente nova

Na igreja de S. Domingos baptisou-se ante-ontem a filhinha do sr. Jeremias Augusto Duarte, tendo servido de padrinhos a sr.ª D. Maria Ávia de Carvalho Duarte e seu filho Luis António D. da Fonseca e Silva.

A creança, neta do sr. Francisco Augusto Duarte, hábil mestre de obras, recebeu o nome de Elisabeth.

Partidas e chegadas

Em goso de férias partiu para Viana do Castelo, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão.

— Estiveram esta semana em Aveiro os srs. Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Ovar; major Joaquim Augusto Geraldes, da Guarda N. Republicana de Coimbra; Manuel Dias Vieira, de Eixo e Luis Lourenço Pestana, 2.º sargento-músico de Infantaria 18, do Pôrto.

— Também aqui se encontra o nosso conterraneo Manuel Gonçalves da Madalena, residente em Lisboa.

— De Portalegre veio para esta cidade, onde fixou residencia, com sua familia, o sr. dr. Mario Matias.

Praias e termas

Com sua esposa e filhos encontra-se a veranear na praia do Farol o nosso amigo sr. Agostinho de Sousa, inteligente professor em Lisboa e que nesta cidade residiu durante muitos anos.

Agradecemos e retribuimos os seus cumprimentos.

— Na Foz do Douro (Porto) também veraneia, com sua familia desde o princípio do corrente mez, o sr. Lsis Couceiro da Costa, e na Costa Nova o sr. capitão António Pedro de Carvalho.

Doentes

Em casa do nosso presado amigo sr. José Moreira Freire tem estado bastante doente a sr.ª D. Maria Ludovina Gamelas, tia direita de sua esposa a sr.ª D. Maria das Dores Freire.

A' veneranda senhora, que conta 95 anos de idade, desejamos o seu restabelecimento.

— Também recolheu ao Instituto Gama Pinto, de Lisboa, em virtude de estar sofrendo duma grâve doença nos olhos, o nosso conterraneo Abel Graça.

— De Paredes do Guardão (Caramulo) onde esteve em tratamento durante alguns meses, veio ante-ontem para esta cidade o sr. Evangelista de Morais Sarmento.

Banda da Marinha

=o=

Efectuou-se na terça-feira o anunciado concerto desta reputada banda, que chamou ao jardim numeroso público, parte do qual estranho á cidade.

Como o ano passado sucedera, o programa teve de ser reduzido por falta da luz eléctrica, que só apareceu depois de reparada a avaria no cabo transmissor, aí para fóra, onde de tarde tinha havido fórte trovoada.

A excelente execução dos vários trechos de música correspondeu a assistência aplaudindo-os com salvas de palmas.

A banda seguiu no comboio correio para Lisboa, sendo o maestro Artur Fão muito cumprimentado.

Bairro de Sá

—x—

Os habitantes dêste populoso bairro, que fica num dos extremos da cidade, não se pódem mostrar mais satisfeitos do que estão em presença do melhoramento camarário ali realisado para abastecimento de água potável e que, na realidade, é digno dos maiores elogios.

A Câmara dotou o bairro de Sá com uma obra importante, mais uma obra para juntar ao número daquelas a que o sr. dr. Lourenço Peixinho deixa ligado o seu nome e pela qual se verifica a sem razão dos que o atacam por nada fazer de utilidade pública.

Ainda acham pouco, os almas de chicharro!

E contudo é enorme, vastíssima, incomparável a sua fôlha de serviços á cidade.

Aqui, nesta terra, ninguém jàmais o igualou em perseverança, actividade e fôrça de vontade em bem servi-la.

Ninguém!

Mas vamos ao que importa. O bairro de Sá acha-se prestes a ser convenientemente abastecido de água para o consumo doméstico, tendo-se para êsse efeito sberto um grande pôço e construido um reservatório nas proximidades do quartel de cavalaria. Não tarda que comecem—se é que ainda não principiaram—a ser colocados os encanamentos e a construir-se os novos marcos fontenários. Pois bem: o que desejam agora os moradores do referido bairro? Tão sòmente que os marcos se distribuam de maneira a serem aproveitados pelo maior número, beneficiando a todos igualmente. Eis as suas justas pretensões; eis o que nos pedem para lembrarmos á Câmara e nós fazemos, cônscios de que, quem superintende nêsses serviços, não deixará de atender a enorme vantagem que tal pedido representa.

E louvores á Camara, muitos louvores.

NA CURÍA

=o=

Iniciaram-se ante-ontem com a abertura da *Feira Sevilhana*, as festas de caridade que anunciámos no número transacto e dos quais devem beneficiar os pobres de Coimbra e Aveiro, segundo o programa organisado pelo sr. Alexandre de Almeide e seu filho Gil.

A' *Feira Sevilhana* concorreu com um *stand* de produtos regionais a Comissão de Iniciativa e Turismo local, *stand* que tem sido muito admirado devido á sua originalidade.

Hoje haverá ali *toiros á espanhola* para o que se montará um redondel em frente do Palace Hotel, jantar á americana, além de outros atractivos.

A'manhã, como é o último dia da Feira, espera-se enorme concorrência, sabendo nós que bastantes aveirenses se utilisarão de camionetes para assistirem á parte noturna dos festejos, que terminará depois da meia-noite.

* * *

De hoje a oito dias e também durante uma festa no Palace Hotel será solenemente entregue á nossa gentil conterrânea Isabel Gomes Teixeira de Barros, eleita *Rainha das Festas da Curia* em 1927, a quantia de 5.000 escudos, valor dum seguro de vida com validade por cinco anos, oferta da Sociedade Alentejana de Seguros *A Pátria* de que é agente nesta cidade o sr. Manuel F. Leitão.

Foi um dos prémios que lhe coube no concurso de belêsa e trajos regionais realisado naquela estância de cura, prazer e repouso que á pitorêsca Bairrada costuma chamar nesta época inúmeras famílias, devendo por isso juntar-se ali também nesse dia bastante gente de Aveiro.

Vêr a 4.ª página

Correspondencias

Eixo, 17

Está sendo distribuído o programa das festas á Senhora das Neves que um grupo de dedicados eixenses vai realisar nos dias 27, 28 e 29 do corrente depois de 23 anos de esquècimento. Revive, assim, a tradição nesta terra, que parecia estar sepultada para sempre.

—Veio de Lisboa passar alguns dias entre nós o sr. almirante Jaime Afreixo.

—Para a Costa Nova seguiu com sua família o nosso presado amigo dr. Diniz Severo, distinto médico nesta vila, onde vem todas as quintas-feiras e domingos dar consultas.

—O tempo amenisou um pouco, mas não sem que os últimos calores causassem por aqui grandes estragos aos milharais e vinhedos.

C.

Esgueira, 17

Diversos moradores daqui têm o hábito condenável e perigoso de lançar para a rua os despejos de forma a resultar que as valetas se encham de imundices e águas estagnadas, que apodrecem, exalando um cheiro insuportável por nauseabundo.

Nada custaria intimar os delinqüentes a não repetir essa maneira de limpêsa que a todos prejudica e envergonha.

—Está, por sua vez, a pedir a atenção de quem nisso superintende o estado em que se encontra a fachada do edifício onde funcionam as escolas primárias.

Aquilo é um triste documento de descuido e abandono, que precisa, quanto antes, de pincel e cal.

—Com sua mãe partiu para as termas de S. Pedro do Sul a sr.ª D. Isaura Farto, gentil filha do sr. Manuel Mateus Farto.

—No próximo dia 23 passa o aniversário natalicio da simpatica tricaninha Alexandrina do Carmo e Silva. Parabens.

—Com sua esposa encontra-se entre nós, a passar algum tempo, o sr. João da Silva Melo, residente em Almada.

C.

Costa do Valado, 18

Na forma do costume nesta época, veio passar alguns dias entre os seus patricios e amigos, o sr. José Rodrigues Ferreira, residente em Lisbôa.

Acompanha-o sua esposa e tilhos.

C.

Agradecimento

A familia de José de Morais Gamelas julga ter agradecido a todas as pessoas de quem recebeu condolencias por ocasião do falecimento de seu saudoso pai, sogro e avô, assim como a todas as entidades e Associações locais que se fizeram representar no funeral. Como porém possa ter havido qualquer omissão involuntária, aqui vem repará-la, protestando, a todos a sua indelevel gratidão.

Aveiro, 15 d'Agosto de 1932.

Aos Restaurantes e casas particulares

Previnem-se, para não admitirem ao seu serviço a criada de servir Silvina de Jesus, do lugar da Prêza, porque é ladra e vagabunda. Do último roubo que fez na minha casa já dei conta com a polícia, por lhe ter sido apreendido pela mesma.

O queixoso,

Joaquim Simões Birrento

Largo da Estação — Aveiro

A fechar

—

Um bêbedo fazia baldados esforços para apanhar o chapéu que lhe tinha caído. Cansado de muitas tentativas sem resultado, raciocinou:

—Olha: para te levantar do chão posso eu caír, e se eu caír tu não me levantas. Então, adeus amigo!

E foi-se embora.